

1. Introdução

Os tempos que vivemos hoje caracterizam-se, sem dúvida, por uma contínua mudança das coisas, consequência de transformações sociais resultantes do progresso científico, da valorização dos direitos humanos, da melhoria geral do bem-estar, entre outros factores. Esta circunstância tem vindo a preocupar quem olha para a educação como o pilar básico da construção de qualquer sociedade.

A segunda metade do século XX foi pródiga em alterações sociais que se repercutiram, de modo acentuado, na organização das famílias e das escolas, instituições basicamente responsáveis pela transmissão de valores e de saberes. As profundas transformações que actualmente se verificam nas comunidades educativas não são nem conjunturais nem superficiais, bem pelo contrário, elas são paradigmáticas e significam uma mudança radical nos modos de educar e de transmitir o saber no futuro.

No momento actual, portanto, os educadores são chamados à tarefa de contribuir de forma especial para o estabelecimento de um humanismo cristão contemporâneo, que forçosamente incluirá o humanismo social.

O conceito de **EDUCAR**, passando embora por muitas e diversas vias, traduz-se sempre, indubitavelmente, na ideia de que o fim último da educação é ajudar cada criança a construir-se como pessoa, a ser capaz de vir a intervir na sociedade contribuindo para a sua transformação no sentido de uma maior humanização ou, o que é o mesmo, contribuindo para criar uma sociedade onde haja maior justiça e amor fraterno.

A acção de educar é, pois, uma tarefa inequivocamente humana e, como o refere F. Torralba¹, professor universitário e especialista em estudos sobre o sentido da vida na nossa sociedade, «... é uma das formas mais dignas de exercer o ofício de ser homem e de ser mulher».

* Professora de Biologia.

¹ F. Torralba Roselló (2001), *Rostro y sentido de la acción educativa*, Ed. Cast.: Barcelona.

Ao encararmos o processo educativo, torna-se evidente que é possível estabelecer uma analogia entre a tarefa educativa e a de edificação de alguma coisa: *edificar* é construir uma estrutura qualquer a partir de elementos cuja natureza é preciso conhecer para que a edificação preencha os objectivos que para ela foram apontados; e *educar* é ajudar a construir por dentro seres humanos, pelo que é preciso tentar conhecer as características próprias de cada um para as fazer desabrochar, global e integradamente, de modo a que o ser humano se torne verdadeiramente pessoa.

Assim, a educação não pode reduzir-se à formação de pessoas obedientes e cumpridoras, meras conhecedoras de programas escolares, mas antes deve ter em conta os dons de cada um para permitir que floresçam para si próprio, para os outros e com os outros, num espírito de verdadeiro humanismo cristão.

Só dando realidade às potencialidades de cada pessoa é possível completarmos-nos como Humanidade, inovar e criar um mundo melhor.

Uma criança que está em crescimento vai mostrando, ao longo do seu percurso, alterações importantes tanto a nível bio-psicológico como a nível social pelo que, para que a educação tenha verdadeiro sucesso é necessário que se processe de modo a conseguir a realização, global e harmónica, de todos os dons e capacidades da pessoa, em cada momento da sua existência.

É com o nosso testemunho, o nosso exemplo, que proporcionaremos à criança condições para descobrir os seus próprios valores, para desenvolver as suas capacidades, e para se sentir estimulada a ser sempre o melhor que puder ser. Na realidade, os vectores que servem de farol orientador para o desenvolvimento de cada criança e para a sua transformação em adulto capaz de participar activamente na sociedade onde se insere, mergulham profundamente na família e na escola.

Se é verdade que da criança nasce o homem, como da aurora nasce o dia pleno, então procuremos fornecer todas as condições para que este dia seja radioso, cheio de luz e calor para aquecer os corações, para criar novas paisagens, para em suma, mostrar a vida em toda a sua plenitude.

2. A Família

Sendo a família o ambiente básico envolvente de todo o ser humano, onde nasce, inicia o seu crescimento e dá os primeiros passos como pessoa, ela tem um papel decisivo na conformação da personalidade e na sua socialização inicial.

De facto, é no «ninho» familiar que se formam as bases que possibilitam o posterior desenvolvimento das competências intelectuais (conhecimentos),

emocionais (afectivas) e sociais (viver com os outros), todas elas igualmente essenciais ao bom desempenho da pessoa, seja ela criança, jovem ou adulto.

Devido às exigências da sociedade actual, na família ambos os progenitores partilham, colaborativamente, as responsabilidades na área da educação, facto que é bem diverso do que se verificava na sociedade tradicional, onde a função educativa era levada a cabo fundamentalmente pela mulher.

Mas a acção educativa da família não fica limitada às primeiras fases do desenvolvimento, ela permanece muito para além destes tempos do começo. Por isso, pode considerar-se a família como a sede privilegiada para a educação, e em especial para a educação de valores, o que implica que é a ela que cabe, em primeiro lugar, a responsabilidade educativa.

Todo o ser humano precisa que lhe seja dada uma imagem do mundo, isto é, uma visão global da realidade, para que se possa situar e saber aquilo a que se pode ater. São os pais os principais protagonistas de tal tarefa, pois são eles que podem transmitir a cosmovisão mais adequada ao pleno desenvolvimento da pessoa dos seus filhos. No entanto, esta transmissão deve ter sempre em conta o bem da criança e o seu desenvolvimento integral.

3. A Escola

Ao longo da história da humanidade, as crianças começaram por fazer a aprendizagem das competências no saber, no saber ser e no saber fazer (isto é, desenvolver integralmente as dimensões humanas), com os pais e os familiares, com os vizinhos e nas brincadeiras com outras crianças. À medida que os conhecimentos aumentaram foram surgindo, aqui e ali, instituições onde muitas destas aprendizagens passaram a ser realizadas, uma vez não ser já suficiente a aprendizagem familiar. Assim aparecem as escolas. É curiosa a origem da palavra escola: para os gregos, ela significa paragem no trabalho, lazer, descanso. Platão, associou ao prazer do descanso, da ocupação de tempos livres, de que tanto se fala hoje, o prazer da cultura, o prazer de aprender e assim nasce a escola com o significado que hoje lhe deveríamos atribuir: espaço – tempo onde há prazer em aprender.

Cada vez mais tomamos consciência de que aquilo que a Sociedade actual propõe à escola é que ela seja um local onde decorrem múltiplos processos de *Ensino* e de *Aprendizagem*. Hoje não se procura na escola somente a excelência académica, mas antes a formação de cada um como pessoa, impregnando as aprendizagens de conteúdos com o desenvolvimento de valores que se traduzirão em atitudes e comportamentos cívicos e sociais. Assim sendo, criou-se a ideia generalizada de que a escola é também necessária para corrigir vícios e insuficiências culturais.

A satisfação destes objectivos só pode ser conseguida se a escola se tornar num ambiente educativo a tempo inteiro, gratificante, onde a competência e o afecto dos educadores sejam o factor principal que contribui para a criação do tal espaço – tempo onde os alunos se sintam bem a crescer, se tornem cidadãos respeitadores, solidários, participativos e cooperantes, aprendam a comunicar e a organizar-se, desejem aprender e se tornem autores do seu próprio conhecimento.

4. O que se sabe...

Para que a acção educativa seja eficiente, é muito importante que haja conhecimentos, tantos quanto possível, sobre os processos que estão subjacentes ao desenvolvimento, global e integrado, de uma criança: saber quais as características das diversas fases de desenvolvimento; perceber como é importante o papel do ambiente onde esse desenvolvimento ocorre e as interacções que se estabelecem entre ambos. É também necessário termos a noção do papel da nossa intervenção na sociedade, no sentido de a irmos transformando pelas nossas próprias mãos, para que ao chegar a vez de cada uma das crianças agir, ela venha a encontrar um mundo a caminho de uma melhor adequação a uma digna vivência humana, mundo esse que poderá ainda ser melhorado pela suas próprias acções interventivas.

Dada a enorme complexidade atingida pelo ser humano, ele tem que fazer uma quantidade de aprendizagens muito superior à de qualquer outro animal. O distinto professor Padre Manuel Antunes afirmava: «sem educação o homem é apenas uma possibilidade; sem esse benefício ele apresenta-se como um dos seres mais desprotegidos da escala zoológica». E esta é a realidade.

Nos últimos tempos, a explosão de conhecimentos científicos incluiu avanços espectaculares no que diz respeito ao conhecimento dos processos estruturais e funcionais de desenvolvimento do cérebro, sede da nossa vida de relação. Por exemplo, sabe-se que uma competência como o controlo emocional tem um período óptimo de aprendizagem para a *resposta ao stress*, que vai desde o nascimento até cerca dos 4 Anos; e, para sentimentos como o *despeito* e a *empatia*, vai desde os 2 Anos até cerca dos 10. Sabe-se ainda que os circuitos que controlam as emoções estão entre os primeiros que o cérebro constrói. Começando por volta dos dois meses de idade o mal estar e o contentamento experimentados pelo recém-nascido começam a evoluir para sentimentos mais complexos: alegria e tristeza, despeito e empatia, orgulho e vergonha. Para oferecer a uma criança um ambiente adequado ao desenvolvimento harmónico desta competência, deve-se cuidar dela com amor de modo a fornecer ao seu cérebro o tipo próprio de estí-

mulos emocionais. Negligenciá-la pode produzir ondas cerebrais que abafam os sentimentos de felicidade. A continuidade desta atitude pode originar ansiedade muito elevada e respostas de stress anormais.

Este e outros conhecimentos permitem antever que tipo de contribuições pode ser mais eficiente para concretizar o crescimento global e integrado de todas as dimensões humanas (bio-psicológica, social e espiritual/religiosa).

No entanto, é bom que tenhamos em mente que o que se sabe é apenas uma gota de água num vastíssimo oceano e, por isso, a procura, mesmo empírica, de caminhos que sejam apropriados ao pleno desenrolar dos processos vislumbrados é sumamente importante.

Este conhecimento, porém, não deve em momento algum esquecer que cada pessoa, esteja ela na fase de desenvolvimento que estiver, é sempre um ser único e irrepetível, o que significa que terá traços muito particulares na sua personalidade que terão que ser sempre respeitados. De modo muito simples, não temos à nossa frente *robots* nem matéria amorfa para dela fazermos o que quisermos...

Durante muito tempo prevaleceu a ideia de que a inteligência era uma característica exclusivamente genética, incapaz de ser modificada pela interacção com as outras pessoas e com o ambiente, restringida aos aspectos racionais. Sabe-se hoje que a interacção com o meio envolvente, bem como a consideração das outras dimensões da personalidade, em particular os aspectos emocionais e de relacionamento, são tanto ou mais importantes do que os racionais, para o desenvolvimento harmónico e integrado da pessoa.

4.1. A natureza sistémica do ser humano

Se me permitem, gostava de fazer aqui um pequeno desvio para tentar tornar mais compreensível o que quero partilhar convosco. Quem lida de perto com as coisas da Natureza, não pode deixar de se sentir maravilhado, cada vez que contempla a obra da Criação. O modo como tudo está organizado e funciona é verdadeiramente exemplar. Quando há perturbações, a maior parte das vezes é porque o homem resolveu arvorar-se em senhor e dono das coisas sem se dar ao trabalho de conhecer a fundo as leis de funcionamento natural.

Aquilo que se sabe hoje é que uma unidade funcional natural é sempre um sistema, de maior ou menor complexidade, o que por si só implica uma dada organização, visto existirem diferentes constituintes, cada um dos quais com a sua função, trabalhando todos para um mesmo fim – o funcionamento do sistema como um todo integrado. Cada constituinte pode ser, por sua vez, um sistema. Como exemplos podemos apontar todo o planeta Terra constituído por vários

ecossistemas, cada um dos quais contém variadíssimos outros sistemas; o nosso próprio organismo, formado por tantos órgãos, sendo cada um deles um sistema, formado por outros tantos subsistemas até chegar a uma célula, que é, ela mesma, um sistema bastante complexo, embora seja a unidade constituinte do corpo.

Todos estes sistemas têm uma característica comum: não são sistemas definitivos, estáticos, mas antes sistemas em que as trocas com o exterior são permanentes, isto é, trata-se de sistemas abertos. Para que um tal sistema funcione em plenitude precisa de encontrar o seu ponto de equilíbrio; mas dado que as trocas com o meio envolvente são constantes, este equilíbrio tem que ser também constantemente buscado o que o define como equilíbrio dinâmico.

Então, um ser humano, como qualquer outra obra da Criação, é um sistema que está em permanente interacção com o ambiente em que se encontra. Como tal, a sua organização interna e o seu funcionamento são regidos por leis responsáveis pela sua preservação. E é esta preservação que confere segurança ao sistema, neste caso à pessoa em desenvolvimento.

Deste modo, em cada momento da vida, o ser humano é o resultado da interacção estreita entre a sua natureza biológica e os factores do ambiente.

Logo à nascença se percebe que as trocas com o meio levam aos diversos comportamentos demonstrados pelo bebé. Na sua globalidade estes comportamentos têm por objectivo conferir bem-estar à criança, isto é, sentir que são satisfeitas as suas necessidades internas de funcionamento com vista à sua manutenção no meio. Se houver alterações deste meio, o sistema procurará adaptar-se a elas de modo a conseguir o seu objectivo fundamental: manter-se vivo no ambiente em que se encontra.

As relações que se estabelecem entre a criança e o meio definem pontos de equilíbrio e sempre que há adaptação a novas situações, no fundo o que a criança faz inconscientemente é procurar alcançar novos pontos de equilíbrio.

Nesta perspectiva, as etapas de desenvolvimento de uma criança não são senão outras tantas buscas de novos equilíbrios em resposta aos desequilíbrios provocados por leis biológicas de crescimento e/ou por factores exteriores. Momentaneamente, enquanto não são encontrados os equilíbrios, é possível verificar uma certa instabilidade que se traduz muitas vezes nas chamadas crises de crescimento.

2.2. *Desenvolvimento do cérebro*

Durante os primeiros anos de vida o cérebro sofre uma série de alterações extraordinárias, relacionadas com as conexões que se estabelecem entre as células que o constituem. São estas ligações que permitem as respostas aos estímulos do

meio. Quanto maior for o número destes estímulos, maior será a rede de ligações estabelecidas e, por isso, melhores serão as respostas interactivas com o meio envolvente.

Assim, ao longo do desenvolvimento do cérebro, vão-se abrindo várias portas que permitem ir educando a própria inteligência. Esta pode, então, considerar-se como uma característica que é inata mas também adquirida, que é complexa, que é de natureza múltipla, isto é, pode ser predominantemente lógico-dedutiva, ou espacial, ou artística, ou cinestésica, ou... E, em cada pessoa ela tem sempre três componentes fundamentais: racional, emocional e relacional.

5. A importância do factor emocional

«A criança não é um jarro que é preciso encher; ela é antes, um fogo que é preciso atear» dizia Montaigne, escritor francês do século XVI, e na realidade, tem vindo a tornar-se cada vez mais claro que o comportamento de uma pessoa resulta da profunda interacção entre a mente que pensa e a mente que sente. De facto, a nossa humanidade é mais evidente nos sentimentos. A lógica fria não conduz a soluções humanas correctas.

É interessante notar que entre os primeiros circuitos que o cérebro constrói estão os que governam as emoções, realizando-se o seu desenvolvimento por patamares em que cada um é mais complexo do que o anterior.

Durante os primeiros anos de vida, as crianças passam muito mais tempo em casa que na escola e, por isso, tudo aquilo que a criança aí aprende resulta do contacto directo com experiências vivenciais certamente repassadas de grande afectividade. É esta ligação afectiva que torna tão eficientes e perduráveis todas as aprendizagens realizadas. De facto, quer se trate de uma criança, de um jovem ou de um adulto, nenhuma aprendizagem é significativa se não tiver uma forte componente afectiva ligada a ela.

Os sentimentos de amor e de pertença que as crianças reconhecem existir na família e mais tarde na escola, levam ao desejo de obedecer, cumprir e assumir responsabilidades, de modo a satisfazer as suas necessidades de amar e de se sentirem amadas por aqueles que mais contam para cada uma.

As interacções emocionais entre os membros da família e os do grupo escolar são verdadeiros pilares para a construção de pessoas íntegras e para o desenvolvimento de valores. A chave para uma educação de sucesso encontra-se pois, nos sentimentos mais profundos de amor e afecto e manifesta-se muito simplesmente através da empatia e da compreensão.

Então, esta forma de inteligência, a que chamamos emocional não pode estar fora do processo educativo. Por isso, também se deve ensinar às nossas crianças a terem autocontrole, automotivação, persistência apesar das frustrações, a impedir que o desânimo subjugue a capacidade de pensar, a sentir empatia e a ter esperança. Está provado que uma perturbação emocional contínua pode criar défices nas capacidades intelectuais da criança, diminuindo a sua capacidade para aprender.

6. Relações afectivas entre a família e a escola

Educar é uma tarefa que jamais se acaba, pois tanto o educador como o educando estão em permanente processo. Além disso, o ser humano nunca é auto-suficiente, pelo contrário, é um ser bastante carente, vulnerável. Nesta contingência, precisa sempre da presença dos outros, do seu afecto, para continuar a própria construção, para ir diminuindo a vulnerabilidade e, por isso mesmo, ir ganhando maior autonomia.

Assim, formar comunidade é uma das necessidades fundamentais da homem visto ser nela que existem valores, objectivos, normas e costumes que permitem a cada pessoa, por um lado satisfazer necessidades básicas como as de sobrevivência e segurança, de sentido de continuidade, e necessidades sociais como as de pertença, aceitação e auto-estima, de solidariedade e, por outro, viver experiências variadas, resolver a sua vulnerabilidade e buscar a sua autonomia.

Pode-se pois afirmar que o pleno desenvolvimento de uma pessoa, o desbrochar de todas as suas capacidades racionais, emocionais e de relação só terá sucesso se ocorrer numa verdadeira comunidade educativa. De facto, este é o lugar natural onde todo o ser humano tem que ser acolhido e reconhecido. É, por isso, fundamental que esta comunidade educativa, sobretudo se for de recorte cristão, crie vínculos de reciprocidade afectiva entre os seus membros e um clima de respeito e confiança, pois só nestas condições é possível educar integralmente a pessoa humana. Por outras palavras, é preciso que os pilares cruciais do desenvolvimento humano, família e escola, criem inter-relações cada vez mais profundas, que permitam de facto, promover o desenvolvimento completo, global e harmonicamente integrado de todas as potenciais dimensões de cada pessoa.

Numa tal comunidade, os educadores têm que conhecer os educandos e saber quais são as suas capacidades e potencialidades de modo a desenvolverem-nas adequadamente; logo, a educação tem que ser personalizada. Em boa verdade, ela é um acto diaconal, é um acto de serviço ao outro, um acto de missão.

Mas... como se constitui uma tal comunidade educativa?

Uma comunidade educativa só tem sentido e razão de ser quando tem uma identidade própria, propondo um certo modelo e um estilo de vida singulares. Naturalmente, que os pais ao buscarem a escola que melhor lhes pareça preencher as necessidades educativas dos seus filhos passam a fazer parte integrante duma comunidade educativa específica, pelo que, a partir de então, a relação entre família e escola, tem que forçosamente exprimir-se numa real interacção criativa que conduza ao sucesso educativo, ou seja, à realização da pessoa na sua plenitude.

No momento actual, mais do que nunca, a escola não pode ser um espaço anónimo onde talvez se possa instruir, comunicar conteúdos, mas nunca formar e educar. Para cumprir este objectivo ela tem que se tornar num lugar onde há uma circunstâncias adequada, uma atmosfera pessoal de reconhecimento mútuo. Assim a escola tem que apresentar-se como um verdadeiro centro de aprendizagem para todos, activamente empenhada numa criação de novos ambientes de aprendizagem para grupos de todas as idades, da comunidade envolvente, tornando-se centro de renovação permanente. Deste modo, é possível desenvolver nos educandos a capacidade de aprender a aprender, inculcar-lhes o desejo de uma formação permanente, estimular a motivação para o desenvolvimento de competências pessoais e de relação com os outros (agir na sociedade), entre outras coisas. Esta tarefa da escola só pode vir a ter sucesso se a interacção responsável com a família for uma realidade.

De facto, a escola tem um papel relevante no desenvolvimento de competências como as de aquisição de valores, capacidade de optar, formação de atitudes, busca de um projecto de realização pessoal, etc.

Mas o papel da família não é menos importante na interiorização de tais competências e na sua valorização. Por isso, a responsabilidade de tal tarefa deve ser partilhada entre as duas entidades, o que exige uma grande dose de compreensão, de discernimento, de cooperação e de interacção.

A partilha é uma das características mais marcantes de uma comunidade viva. É através dela que se comunica a alegria transbordante de sentir que o que realiza o homem é o acto de amar.

«As palavras voam, os exemplos arrastam», diz a sabedoria antiga. Deste modo, uma comunidade é verdadeiramente educativa quando o amor traduzido em actos faz parte integrante de todos os seus educadores – família e escola. O triângulo relacional família – educando – escola terá tanto mais sucesso, no que diz respeito à construção interior da pessoa e ao sentido que dá à sua vida, quanto mais «amoroso» for.

A identidade de uma comunidade educativa constrói-se a partir de um projecto partilhado por diversas pessoas, tornando-se dependente delas e do marco

relacional que entre si se estabelecer. Para que a comunidade exista realmente, é preciso que exista nela um clima de verdade, de liberdade, de responsabilidade, de confiança, de esperança, em suma, de amizade. É num tal ambiente, em que se alia trabalho, optimismo, competência e afecto, que se aprende melhor a viver e se vive melhor aprendendo; é também aqui que se torna possível, como diria o pedopsiquiatra Pedro Strecht «pôr em prática a maior das sabedorias que consiste em ensinar ternamente a Vida às crianças».

Maio 2003.